



Resistência Feminina e a Construção da Identidade: uma análise histórica das mulheres negras escravizadas no Brasil

Luciana Sanguiné¹ 

COSTA, Robson Pedrosa; ALMEIDA, Suely Cordeiro de; COSTA, Marcos (Org.). *Escravidão e resistência feminina*: contribuições para o ensino de história através de documentos. Cachoeirinha: Editora Fi, 2024. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/b26-escravidao-resistencia-feminina>. Acesso em: 28 ago. 2024.

¹ Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail para contato: luciana.sanguine@outlook.com.

O livro *Escravidão e Resistência Feminina*, organizado por Robson Pedrosa Costa, Suely Cordeiro de Almeida e Marcos Costa, publicado em 2024 pela Editora Fi, é uma contribuição inestimável para a historiografia brasileira. A obra explora de forma profunda as dinâmicas de poder e resistência das mulheres negras escravizadas no Brasil colonial e imperial, criando uma narrativa histórica rica e detalhada. Por meio da análise de documentos históricos, em sua maioria extraídos de arquivos do estado de Pernambuco, o livro lança luz sobre a complexidade das relações de gênero e raça no contexto da escravidão, destacando o protagonismo das mulheres negras na luta pela sobrevivência e pela liberdade.

Robson Pedrosa Costa, historiador e professor especializado em história da escravidão no Brasil, é autor de diversas publicações sobre o tema, incluindo *Os Escravos do Santo: uma história sobre paternalismo e transgressão nas propriedades beneditinas* (2020). Suely Cordeiro de Almeida, historiadora com foco nas relações de gênero e escravidão, tem contribuído significativamente para a historiografia brasileira, promovendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais do período colonial e imperial. Marcos Costa, também historiador, foca na história social do Brasil, com especial interesse na escravidão e na resistência dos afrodescendentes. Juntos, os três autores trazem uma abordagem interdisciplinar que enriquece a análise apresentada na obra, destacando a importância da resistência cotidiana das mulheres negras escravizadas e iluminando aspectos pouco explorados da história brasileira.

A obra, composta por 88 páginas, vai além de uma simples coletânea de documentos. Os autores organizam o conteúdo de forma a permitir que o leitor compreenda não apenas as condições de vida das mulheres escravizadas, mas também as estratégias de resistência que desenvolveram para enfrentar a opressão imposta pelo sistema escravista. O livro demonstra como, apesar da

extrema violência física e psicológica a que eram submetidas, essas mulheres conseguiram criar táticas de sobrevivência que lhes permitiram manter sua identidade cultural e resistir à desumanização.

Um dos aspectos mais inovadores do livro é a perspectiva adotada pelos autores, que se distancia da historiografia tradicional. Historicamente, a narrativa predominante na historiografia brasileira subestima o papel da mulher no processo de resistência ao sistema escravista, enfocando majoritariamente a figura masculina. Em *Escravidão e Resistência Feminina*, os autores reverteram essa tendência ao destacar a agência das mulheres negras escravizadas, evidenciando como elas não foram apenas vítimas passivas, mas ativas participantes na construção de suas trajetórias de vida.

A abordagem metodológica utilizada no livro é a da micro-história, que permite uma análise minuciosa das vidas das mulheres escravizadas a partir de uma perspectiva que valoriza os pequenos gestos e as práticas cotidianas como formas de resistência. Essa metodologia é influenciada pelos trabalhos de Carlo Ginzburg, especialmente em obras como *Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário* (1989) e *O Fio e os Rastros* (2007), que são referências centrais na construção teórica deste livro. Ginzburg argumenta que, ao examinar os detalhes aparentemente insignificantes, os historiadores podem desvendar processos históricos mais amplos, o que se mostra particularmente útil na análise das estratégias de resistência feminina durante a escravidão.

A obra se destaca também por sua natureza didática. Os autores selecionaram cuidadosamente documentos históricos que não apenas ilustram as práticas de resistência das mulheres escravizadas, mas também servem como ferramentas pedagógicas. A utilização desses documentos em sala de aula oferece aos educadores uma oportunidade única de envolver os estudantes em uma análise crítica do passado, conectando os temas abordados no livro com questões contemporâneas de raça, gênero e resistência.

Dividido em dois blocos principais, o livro organiza os temas de forma a facilitar o entendimento e a utilização dos conteúdos por educadores e pesquisadores. O primeiro bloco foca na família, alforria e redes de solidariedade, temas centrais para a compreensão das relações sociais e das estratégias de sobrevivência das mulheres escravizadas. Por meio da análise de cartas de alforria, petições e outros documentos, os autores mostram como as mulheres negras não apenas buscavam a liberdade para si, mas também lutavam para garantir a liberdade de seus filhos e familiares, muitas vezes organizando redes de solidariedade que envolviam tanto escravizados quanto libertos.

O segundo bloco da obra explora questões de moralidade, procriação e maternidade, oferecendo uma visão detalhada das expectativas e pressões impostas às mulheres escravizadas pelo sistema patriarcal e racista do Brasil

colonial e imperial. Os autores discutem como as mulheres eram frequentemente vistas apenas como reprodutoras, com sua capacidade de gerar filhos sendo controlada pelos senhores de escravos, que viam nas crianças nascidas de mulheres escravizadas uma forma de aumentar seus próprios lucros. No entanto, as mulheres negras resistiam a essa objetificação e lutavam para manter o controle sobre seus corpos e suas vidas, mesmo dentro das rígidas limitações impostas pela escravidão.

A obra destaca também o papel da Igreja Católica, em particular da Ordem Beneditina, na administração da escravidão no Brasil. Como discutido em *Os Escravos do Santo: uma história sobre paternalismo e transgressão nas propriedades beneditinas* (Costa, 2020), a administração religiosa era marcada por uma mistura de paternalismo e rigor, com os monges beneditinos impondo um controle rígido sobre os escravizados, mas também criando certas condições que permitiam algum grau de autonomia e resistência. No contexto das propriedades beneditinas, as mulheres escravizadas desenvolviam suas próprias formas de resistência, utilizando-se das brechas permitidas pelo sistema para negociar melhores condições de vida ou para obter a alforria.

Com sua abordagem interdisciplinar e metodologicamente rigorosa, *Escravidão e Resistência Feminina* se torna uma leitura essencial tanto para educadores quanto para pesquisadores. A obra não apenas contribui para o aprofundamento dos estudos sobre a escravidão no Brasil, mas também oferece uma ferramenta importante para o ensino de História, promovendo uma reflexão crítica e consciente sobre o passado e suas conexões com o presente.

Ainda que a obra ofereça valiosas informações sobre o contexto da resistência das mulheres negras escravizadas no Brasil, é importante reconhecer algumas limitações inerentes. Embora os autores realizem uma análise detalhada das estratégias de sobrevivência e resistência dessas mulheres, o foco regional específico e a escolha metodológica pela micro-história, apesar de rica em detalhes, podem deixar de lado debates historiográficos mais amplos sobre gênero, raça e resistência no contexto da escravidão. Além disso, a triangulação de dados poderia ter sido utilizada para comparar os achados com a literatura existente. Essas limitações, contudo, não comprometem o valor da obra, mas devem ser consideradas pelos leitores, especialmente ao compará-la com a vasta bibliografia sobre escravidão e resistência feminina, que apresenta abordagens mais abrangentes e diversificadas em termos geográficos e temáticos.

Além disso, o livro serve como um recurso essencial para aqueles interessados em compreender as continuidades e rupturas nas dinâmicas de poder e resistência ao longo da história. A obra demonstra que a resistência feminina não se restringe ao período da escravidão, mas continua sendo uma força vital na luta por direitos e justiça social no Brasil contemporâneo. Ao trazer

à tona as histórias dessas mulheres, os autores contribuem para a construção de uma memória coletiva mais justa e inclusiva, que reconhece o papel crucial das mulheres negras na formação da sociedade brasileira.

Por fim, *Escravidão e Resistência Feminina* é uma obra que desafia os leitores a reavaliar suas percepções sobre os temas tratados no título, oferecendo uma narrativa que é ao mesmo tempo crítica, esclarecedora e profundamente humana. Por meio de sua análise cuidadosa e bem fundamentada, o livro revela as múltiplas camadas de opressão e resistência que marcaram a vida das mulheres escravizadas no Brasil, fornecendo uma base sólida para futuras pesquisas e para a educação histórica nas escolas.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Robson Pedrosa. *Os Escravos do Santo: uma história sobre paternalismo e transgressão nas propriedades beneditinas*. Recife: Editora UFPE, 2020.
- GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso, fictícios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HARLEY, John B. *The New Nature of Maps: Essays in the History of Cartography*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

Recebido em: 11 de setembro de 2024

Aprovado em: 17 de outubro de 2024
